

RESENHA: O CORPO REVISITADO

MOTRIVIVÊNCIA, II, 3, JANEIRO DE 1990

*Aguinaldo Gonçalves**

Trata-se de publicação com 136 páginas, formato 22cm x 15cm, texto em coluna dupla, com ilustração em preto, branco e semi-tons. De natureza técnica, na expressão de seu editor, "busca o fomento de debate sobre os principais temas contraditórios e polêmicos de nosso tempo, tais como currículo, esporte, corpo, educação física escolar, escola pública, recreação, lazer, etc." Periódico da Universidade Federal de Sergipe, sob o patrocínio do Serviço Social da Indústria, apresenta corpo editorial constituído por quatro profissionais destacados da região Nordeste (Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe). Constitui-se de mais de uma dúzia de ensaios e trabalhos temáticos, agradavelmente entremeados por seções diferenciadas, como Ponto de Vista, Humores e Rumores, Relatos de Grupos de Estudo, Projetos, Monografias e Teses, entre outros.

A produção intelectual aqui veiculada revela-se das mais fustigantes, sinalizando no sentido de que os objetivos editoriais mencionados se materializam plenamente. Já de pronto, importa destacar que a plêiade dos autores aqui reunidos extrapola os limites de um interesse puramente regional que a identidade da revista inicialmente mencionada poderia traír. Assim é que aí se encontram autores de âmbito não só nacional (como Paulo Guilhermetti com sua matéria sobre "Do corpo medieval ao corpo moderno") quanto internacional (tais são os casos do amigo Manuel Sérgio Vieira e Cunha ou do conhecido Reiner Hildebrandt).

Tais características tão positivas da publicação em questão mais se potencializam à medida que se aprofunda a leitura das respectivas produções. De fato, toda essa qualidade e pluralismo (autores de diferentes regiões geográficas, trabalhando com variados enfoques) circunscrevem uma difícil complementaridade à medida que tratam, no presente fascículo, da mesma questão substantiva, o corpo, mantendo, assim, a densidade dos números ante-

riores que também foram enucleados em torno de temáticas específicas da área.

Correndo os riscos que todas as simplificações podem ensejar, algumas matérias hão de ser destacadas. Leonardo Damasceno centra a atenção de sua pesquisa na militarização do corpo no Estado Novo; Michele Ortega Escolar veicula a construção de intervenção pedagógica sobre o corpo em currículos de Educação Física em escolas públicas; Ieda Folegati e Dulce Augusto mergulham seu empenho no resgate de bibliografia contemporânea sobre o corpo, sob diferentes aspectos em estudo; Galarsa, ao trabalhar a reflexão de sua experiência no trato do "corpo ainda proibido e maltratado", pergunta: você seria capaz de ser "paciente" de um terapeuta que proporcionasse às pessoas a maior variedade possível de sensações corporais, de pele e de movimento, inclusive muito do que se sente quando as zonas erógenas e genitais são tocadas? No contraponto, Subirá Medina abre suas "Inquietações burguesas do corpo" denunciando: "Há de uns tempos para cá, entre nós, verdadeira explosão de discursos e propagandas que procuram induzir as pessoas a certas práticas corporais e a certos comportamentos em relação a seus corpos. Se, por um lado, essa tagarelice sobre o corpo promove algumas reflexões e ações sobre esta dimensão historicamente tão esquecida e reprimida do ser humano, por outro, manifesta diferentes graus de manipulação (...)". Enfim, responde-nos da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, Anna Maria de Albuquerque, à pag. 103, referindo-se ao assunto, que "a ciência é a aventura no reino do novo, do desconhecido, através de teorias novas, que necessitam de um novo discurso, de uma nova forma de expressão". Polêmicas conceituais também não são negligenciadas, como se observa no defrontamento da relação de poder da Educação Física e o corpo, empreendido por Magalhães Pires,

*Professor Associado, Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas.

ou na exploração das relações do corpo com o cotidiano do trabalho e do lazer, no ponto de vista de vários entrevistados. Em síntese, nos encontramos face a uma coletânea de textos especializados sobre a corporeidade: só não constitui um livro referencial pela provável preocupação, legítima, de preservar os núcleos de interesse dos diferentes autores em relação à temática geral; vale dizer, não pode se esperar que a todo resulte apenas da soma das partes. E a resenha aí se insere.

Por fim, importa expressar que os estudiosos da área certamente já se colocam na expectativa de continuidade desta iniciativa editorial. De igual sorte, aguarda-se que seus próximos números venham à circulação purificados por revisão formal mais depurada que evite algumas impropriedades de concordância constatadas neste volume, ou mesmo de grafia (como "raclocfno ou utilizar" presentes, por exemplo, no texto Lazer e Sociedade de José Carlos Brandão).

RUMO À UTOPIA MATRICÊNTRICA

Joelina Souza Menezes
(Professora do Departamento de
Ciências Sociais da UFS)
Francisco José Alve dos Santos
Professor do Departamento de
Filosofia e História da UFS

Fundir Marx e Freud não é uma pretensão de hoje. Desde os primórdios da psicanálise que alguns teóricos têm tentado aproximar estes dois pilares da modernidade. Tal tarefa teria como fim juntar a economia política à economia libidinal. Este projeto tem representantes famosos como: Wilhelm Reich, Erich Fromm, Herbert Marcuse e, mais proximamente, Gilles Deleuze e Félix Guattari. A síntese Marx/Freud não é, de modo algum, tarefa tranquila. Os dois pensadores partem de postulados divergentes, o que vai ocasionar, muitas vezes, um curto-circuito na economia explicativa daqueles que postulam uma síntese Freud-Marxista. O fato é que, quase sempre, tal fusão não tem passado de um consórcio canhestro. O problema fundamental é que os dois sistemas tendem a excluir-se mutuamente: o marxismo, partindo do homem enquanto animal essencialmente social, e o Freudismo, derivando o social das estruturas psíquicas individuais. Tomando como ponto de partida o homem ser social e o outro, o indivíduo como princípio, os dois sistemas tendem à exclusão recíproca ou à "heterofagia". Noutras palavras, o desafio é explicar a difícil dialética indivíduo/sociedade sem subsumir um no outro.

Nessa perspectiva teórica, insere-se o último livro da escritora e feminista ROSE MARIE MURARO. Como ela mesma confessa, "não se trata aqui de conciliar Freud e Marx num freudomarxismo ingênuo mas, sim, de ver se algo novo pode aparecer em nossa realidade de países do Terceiro Mundo, isto é, qual o questionamento que nós oprimidos podemos dar às teorias dominantes" (p. 83). Como se vê, a pretensão da autora é realizar uma síntese freudomarxista tupiniquim. Resta julgar até que ponto conseguiu realizar este seu objetivo.

O cerne da obra é uma apreciação das transformações por que passam os papéis masculinos e femininos no Brasil contemporâneo. Seu material empírico tem por base dados colhidos em pesquisa com a burguesia.

O livro está ordenado em cinco partes. de início a autora rastreia a sua vida pessoal enquanto militante da esquerda católica, como editora da Vozes e, finalmente, como pioneira do movimento feminista no Brasil. É no bojo desse movimento que ela realiza uma pesquisa abrangente sobre a sexualidade da mulher brasileira que subsidiará, em parte, a reflexão desse livro.

* MURARO, Rose Marie. Os Seis Meses em Que Fui Homem. 3ª ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991, 272 p.